

Capítulo 19 - DOI:10.55232/1082023.19

A EMPATIA COMO SABER EM INCLUSÃO ESCOLAR PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NOS IFS

Ricardo Allan De Carvalho Rodrigues e Maria Cristina Caminha De Castilhos França

RESUMO: A partir de estudos realizados junto aos profissionais inclusivos que atuavam em sala de aula ou no Núcleo de Atendimento às Necessidades Específicas-NAPNE, a empatia foi destacada como saber essencial aos profissionais da EPT que se dedicam à inclusão do público da Educação Especial, matriculado no Instituto Federal de Brasília - IFB. O objetivo desse trabalho visa discutir o conceito de empatia apresentado na teoria do tratamento centrado na pessoa, apresentado por Carl Rogers, no contexto das ações e formações iniciais/continuadas de profissionais voltados à inclusão de pessoas público da Educação Especial nos IFs. Adotou-se a pesquisa bibliográfica, em que os argumentos são apresentados ordenadamente na forma de ensaio teórico. A revisão sistemática da literatura foi realizada em artigos nas bases de dados Periódicos CAPES e Google Acadêmico, totalizando 31 publicações, entre artigos e teses consultados, sendo 19 utilizados, tendo como descritores: empatia, formação de professores para educação e inclusão na EPT. Entre suas conclusões, a pesquisa considera que o mecanismo da incorporação da empatia nos processos formativos de profissionais inclusivos nos IFs é resultante de múltiplos fatores, mas que necessita ser estimulado nas formações continuadas, de forma cíclica, dado seu valor na superação de barreiras físicas-atitudinais para inclusão escolar na EPT.

Palavras-chave: Empatia; Educação inclusiva; Educação profissional e tecnológica; Formação de professores

INTRODUÇÃO

O que impulsiona, mobiliza a busca de estratégias diversificadas por profissionais que atuam no Núcleo de Atendimento às Necessidades Específicas – NAPNE, professores de salas inclusivas, entre outros, no sentido de promover boas práticas pedagógicas? Quais são os saberes essenciais para o desenvolvimento de boas práticas voltadas a uma educação inclusiva, equitativa e com aprendizagem ao longo da vida aos estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista, altas habilidades ou superdotação, matriculados nos Institutos Federais de Educação, Ciência e tecnologia-IFs?

Ao lado dos saberes em inclusão escolar, científicos e não formais (conhecimentos voltados à inclusão, validados em seu uso), a habilidade da atitude empática, ou simplesmente, empatia, desenvolvida nas práticas cotidianas por esses atores em inclusão escolar, parece refletir em iniciativas de elaboração e aplicação de formas efetivas de ensino e aprendizado, como também outras ações que ultrapassam a ação pedagógica. Essas, uma vez articuladas, viabilizam o acesso, a permanência e a continuidade de estudos aos estudantes da Educação Especial, segundo suas especificidades e projeto de vida, na busca da oferta de uma educação igualitária, como a oferecida aos demais estudantes na EPT.

Esta investigação busca aprofundar os estudos que foram realizados junto aos profissionais inclusivos de sala de aula e que atuavam no Núcleo de Atendimento às Necessidades Específicas-NAPNE do Instituto Federal de Brasília-IFB, cujos resultados foram publicados no artigo científico Contribuições aos saberes em inclusão escolar dos profissionais que atuam nos NAPNEs (Rodrigues e França, 2020). Nesse sentido, busca-se refletir nessa nova investigação, o conceito de empatia idealizado por Carl Rogers (apud Lopez, 2013), como mais uma diretriz a ser trabalhada na formação inicial/continuada de profissionais inclusivos nos institutos federais, para o atendimento do alunado da Educação Especial sob sua responsabilidade de ensino. Com isso, faz-se necessário também refletir e compreender sobre as possibilidades de como esse saber pode ser incorporado nas formações iniciadas/continuadas destinadas a estes atores, a fim de potencializar suas práticas a favor da inclusão.

REFERENCIAL

Sobre a empatia para inclusão na EPT

Fontgalland e Moreira. (2012) explicam que o conceito de empatia evoluiu de apenas um estado para um processo, sendo mais do que apenas um conceito, mas uma atitude fundamental, uma compreensão profunda, verdadeira e sem julgamentos. Para os autores, a empatia se articula por meio de um ver e ouvir verdadeiros, proporcionando todo um ambiente ideal de acolhimento e de facilitação para que o cliente se sinta compreendido e caminhe em prol do crescimento e amadurecimento de sua personalidade.

El estado de empatia o comprensión empática, consiste en percibir correctamente el marco de referencia interno de otro con los significados y componentes emocionales que contiene, como si fuera la otra persona, pero sin perder nunca esa condición de “como si”... Si esta condición de “como si”

está ausente, nos encontramos ante un caso de identificación. (LOPEZ, 2013, p. 20)¹

Recorda-se que a educação ofertada ao público da Educação Especial, ao longo de parte da história da EPT, estava vinculada a um tipo de pensamento que o enquadrava no rol dos egressos considerados “desvalidos”, isto é, que deveriam ser beneficiários de uma educação tida como “secundária”, não propedêutica, voltada à formação produtivista.

Manica (2011) nos chama a atenção de que, para o senso comum, educar um aluno com deficiência em um curso profissional é desafiador, instigador, especialmente pelo fato de que as sociedades, muitas vezes, já o rotulam como “ineficaz” ou “doente”, e, assim, considera-os inaptos para o ensino. Assim, vencer essa barreira é algo que só um docente comprometido com a mudança pode fazer. No entanto, este é um desafio na EPT, pois não raro, por ignorar as potencialidades e possibilidades desse estudante especial, criam-se barreiras atitudinais:

Ao realizar a experiência de inclusão de alunos com deficiência em uma determinada escola que atua com a educação profissional, um indivíduo, deficiente visual, sabendo do projeto de inclusão, foi até a escola e fez sua matrícula em um curso de mecânica automobilística. O professor responsável por tal disciplina tentou sugerir ao aluno que fosse para outro curso, pois tinha receio de que este aluno, especialmente nas aulas práticas de mecânica, pudesse correr riscos e até se machucar, bem como não aprender o que ele ensinaria nas aulas teóricas, dificultando o processo de crescimento dos demais alunos. (MANICA, 2011, p. 4).

Nesse sentido, é necessária a consciência de que as barreiras atitudinais, entre outros entraves, podem dificultar e aumentar a percepção negativa e de descrédito quanto à formação profissional desse alunado na EPT. Assim, a empatia e a educação inclusiva dialogam entre si na EPT, ao considerar que o público da Educação Especial é um ser social, cujas ações também são manifestadas como agente transformador e produtor de conhecimentos. Dessa maneira, torna-se essencial entender que a formação sobre a empatia pode facilitar a compreensão de que a educação deve ofertar os meios para que esse público possa desenvolver suas habilidades, visando sua formação cidadã, para o exercício de suas atividades na EPT e no mundo.

O ser humano se constitui como sujeito a partir de sua interação social com o mundo. É a possibilidade de comunicar-se com os outros, de entender e se fazer entendido que impulsiona o desenvolvimento (COSTA, 2006, p.83).

Nesse sentido resgatamos um dos pilares da EPT: o trabalho como princípio educativo. Isso, pois, a relação educativa entre as pessoas sobre o trabalho não envolve apenas a troca de conhecimentos científicos e informais validados em seu uso. Verifica-se também nela uma ação e aprendizagem plural, inclusive a de caráter afetivo, onde também são invocadas as experiências concretas do mundo cultural e da história de vida de cada partícipe, que aporta o intercambio desses valores, conhecimentos, afetividade, etc., entre si. Logo considera-se o estudante da Educação especial também aporta seus conhecimentos de mundo com todos na relação dialógica de ensino-aprendizagem

¹ O estado de empatia ou compreensão empática, consiste em perceber corretamente o marco de referência interno do outro com os significados e componentes emocionais que cada um contém, como se fosse a outra pessoa, mas em perder nunca essa condição de “como si”... Se esta condição de “como si” está ausente, nos encontramos ante antes caso de identificação (Tradução livre do autor)

Para Gramsci, na aprendizagem do trabalho, o homem, enquanto sujeito do processo educativo, em conjunto com os outros sujeitos envolvidos na ação educativa de trabalhar, se faz a si mesmo, na medida em que traz as experiências concretas de seu mundo cultural (MELO, 2016, p. 8).

No entanto, esclarece-se que a questão empática não está restrita às relações de sala de aula, portanto, frisa-se que a promoção da empatia ultrapassa a relação professor-estudante, devendo ser entendida como um saber formativo estendido a toda comunidade escolar. Ela dialoga também com a organização escolar, formação de profissionais inclusivos, relações entre todos os atores da comunidade escolar, redes de apoio, nas políticas públicas governamentais, entre outros, para uma inclusão efetiva na EPT.

Quando os atores em inclusão escolar atuam em conjunto, é que são derrubadas as diversas barreiras (físicas, atitudinais, etc.) às quais esse grupo de estudantes, em particular, enfrentam nos diferentes percursos de sua aprendizagem. Portanto, esta habilidade é algo que deve ser incorporada à toda comunidade escolar, pois todos devem ser considerados também como agentes da inclusão.

Por outro lado, a empatia deve ser compreendida como mais um elemento, (não o principal, tampouco o menos relevante) entre os diversos saberes, que auxilia na compreensão sobre as barreiras enfrentadas pelos estudantes. A empatia é mais um conhecimento que interage com os demais, para a promoção de ações concretas para promoção da inclusão educacional. Assim, uma vez incorporada a habilidade empática, espera-se que por meio delas a comunidade escolar seja sensibilizada e estimulada na reflexão e produção de boas práticas inclusivas (de aprendizagem, comunicacionais, de acessibilidade, etc.), que resultem em ações para aprendizagem e formação significativas a favor desses estudantes.

Nesse sentido, para Amatto e Alves (2016), a aprendizagem significativa proposta por Rogers se constitui como uma forma de conceber a educação como uma resposta possível à proposta de inclusão escolar. Conforme concluem as pesquisadoras, uma proposta de inclusão escolar à luz das ideias de Carl Rogers provoca uma mudança de atitude, e até mesmo de personalidade, durante um processo de aprendizagem profundo e experiencial, em que ao mesmo tempo demanda mudanças na maneira de se educar pela qual a escola tem se estruturado.

Empatia como diretriz na formação continuada de Profissionais Inclusivos na EPT

Segundo Almeida (2019), fica inviável falar sobre a educação e humanização de quem chega à escola sem discutir sobre as questões de quem ensina, como também de quem teórica e praticamente caberia parte desse processo de formação do indivíduo. Segundo a pesquisadora, acredita-se que a formação desse profissional deveria ser contínua, por assim dizer, o professor no seu trabalho deve ter a síntese do conhecimento, o qual não poderá cessar a busca por sua emancipação humana.

Para Oliveira (2012), a formação do professor para o processo de inclusão escolar deve estar ancorada no reconhecimento do outro. Esse outro, outrora negado, é aquele que teve sua alteridade desfigurada por uma representação de menos valia, de ingênuo e ignorante. Como consequência, temos sua marginalização como indivíduo e como cidadão, sujeito a direito, como a oferta de uma educação de qualidade.

Nesse sentido, Hargreaves (1998) defende que o ensino eficiente não trata apenas do domínio teórico e técnico dos assuntos abordados e nem de possuir apenas as

competências técnicas requeridas. Ele exige mais do docente, requer empatia pelo aluno e a capacidade de tornar o clima emocional positivo na sala de aula, dentre outras competências socioemocionais. Dessa forma, para o autor, o ensino não deve ser tratado como um trabalho puramente cognitivo ou técnico. Assim, se por um lado o ensino envolve a dimensão puramente cognitiva ou técnica, de outro, ele também envolve a dimensão emocional.

Sabe-se, por meio de estudos acadêmicos, que a empatia é frequentemente utilizada como diretriz formativa inicial ou continuada em cursos da área de saúde. Nestes cenários, a empatia é trabalhada por meio do contato do futuro profissional de saúde com uma variedade de ações que buscam simular contextos de atendimento clínico, com ênfase no intercâmbio de papéis vivenciados pelos futuros profissionais de saúde com o do público que busca seus respectivos serviços. A partir dessas iniciativas, espera-se que o profissional médico formado compreenda o lugar do cliente que o busca (seus receios, dores, problemas sociais). A partir dessa experiência, espera-se que o profissional de saúde seja capaz incorporar a empatia em seus procedimentos clínicos, visando uma melhor qualificação do atendimento prestado, durante a interação com seu cliente.

Nesse sentido, o desenvolvimento da empatia como diretriz curricular nos cursos de formação inicial na área médica pode ser encontrado, por exemplo, nos estudos de Schweller (2014). Neles, são apontadas diversas reflexões do desenvolvimento da empatia, a partir de diferentes propostas formativas de estudantes de medicina, nas diferentes etapas que cursam:

O contato com estudantes em diversas fases da formação médica permite a afirmação de que enquanto alguns demonstram empatia e a vivenciam puramente através do entendimento e do raciocínio lógico, outros percebem mais emoção durante o processo. Essa dicotomia está presente na concepção de que estudantes do primeiro ano têm sobre a medicina e nas consultas, simuladas ou reais, conduzidas por estudantes que cursam a fase clínica do currículo. Para estudantes no curso clínico ou no internato, os resultados dessa tese sugerem que a atividade de simulação de consultas com pacientes simulados tem impacto positivo nos níveis de empatia (SCHWELLER, 2014, p.117).

Na área de educação, no entanto, esta pesquisa constatou durante sua investigação que, no Brasil, apesar da discussão científica sobre os benefícios do uso da empatia no meio educacional, raros são os estudos que demonstram a empatia utilizada como diretriz de conhecimento em algum processo formativo docente, seja inicial ou continuado. Postula-se que a razão de tal constatação pode estar relacionada ao fato de que muitos profissionais educativos desvinculam o saber empático do conhecimento científico, isto é, desconsideram que a empatia permeia e pode favorecer o acolhimento e a relação de ensino-aprendizado, principalmente quando se trata do público mais vulnerável, em suas diversas matizes sociais, entre ele, os estudantes que pertencem ao grupo da Educação Especial.

Para reforçar a importância da formação sobre a empatia, faz-se necessário refletir: que benefícios a incorporação da empatia, como saber formativo, traz à inclusão na EPT? Considera-se que um possível benefício pode estar relacionado ao fato de que profissionais empáticos buscam melhorar suas intervenções no AEE e nas práticas de salas inclusivas, para aperfeiçoar o acesso, a permanência e a continuidade de estudos do público da Educação Especial nos cursos da educação profissional em que estão matriculados. A empatia envolve o estímulo ao comprometimento na busca de ofertar o melhor fazer pedagógico a cada estudante, inclusive se este possui algum tipo de especificidade.

A competência da atitude empática possibilita que o educador vá além de simples conceitos e práxis mecanicistas de atendimento e dever de papel cumprido. Ela auxilia a ouvir mais, de procurar entender mais, de tentar entender aquele lugar, daquele sujeito em todo o seu processo de desenvolvimento intelectual, emocional, que as vezes encontra algumas barreiras por causa da deficiência. Por outro lado, ao incorporar tal competência, permite-se ao profissional inclusivo colocar-se no lugar do outro e, desde esta perspectiva, auxiliar na compreensão das barreiras enfrentadas e das suas possíveis soluções de maneira mais efetiva (RODRIGUES e FRANÇA, 2020, p. 52-53).

Nesse sentido, uma importante reflexão é observada nos estudos de Oliveira (2012) sobre os fatores motivacionais, empáticos, que levam os professores, atuantes na rede pública de ensino, a procurar cursos de formação continuada especializado no AEE. Entre as conclusões da autora:

O comprometimento do professor para com sua própria formação deve ser um fator que o possibilite a ser um instrumento de integração entre o aluno com NEE e os outros alunos, entre o aluno com NEE e o mundo a sua volta. Por isso a empatia e a sensibilização são fatores tão importantes na formação docente, pois permitem que o professor proporcione aos alunos o entendimento de que todos são sujeitos históricos sociais e políticos, e não somente interagem no contexto escolar (OLIVEIRA, 2012, p.27).

No entanto, sabe-se que, entre alguns profissionais da EPT, essa percepção sobre a necessidade formação continuada ainda não atinge os eixos da Educação Inclusiva, sobretudo para aqueles que não têm contato com estudantes especiais em sala inclusiva. Ademais, outro problema está relacionado por aqueles profissionais que entendem que essa necessidade formativa ou que o atendimento desse grupo somente deva estar relacionado às atividades dos profissionais do NAPNE.

Por isso, a proposta de utilização da habilidade empática, como diretriz na formação inicial ou continuada, visa estimular a reflexão e o reconhecimento dessa habilidade no profissional em inclusão escolar. Com isso, espera-se o impacto de várias ações, a favor do público da Educação Especial: o acreditar na construção da autonomia desses estudantes, enquanto sujeitos do conhecimento, para o desenvolvimento de boas práticas inclusivas, entre outros fatores, que auxiliem na superação das diversas barreiras (físicas, sociais, atitudinais, etc.) que esses alunos enfrentam em seu cotidiano escolar na EPT.

Si todo maestro se propusiera la tarea de esforzarse para brindar una respuesta diaria no evaluativa, comprensiva y empática a la vivencia manifestada o verbalizada de un estudiante, creo que descubriría todas las potencialidades de este (ROGERS & FREIBERG, 1975, p.190) ².

PROCESSOS METODOLÓGICOS

Adotou-se nessa investigação a pesquisa bibliográfica, em que os argumentos são apresentados ordenadamente na forma de ensaio teórico. A revisão sistemática da literatura foi realizada em artigos nas bases de dados Periódicos CAPES e Google Acadêmico. No total, 31 publicações foram analisadas, entre artigos e teses consultados,

² Se todo professor se propuser à tarefa de se esforçar para oferecer uma resposta diária não avaliativa, 'compreensiva e empática à vivência manifestada o verbalizado de um estudante, creio que descobriria todas as potencialidades deste. (Tradução livre do autor).

sendo 19 utilizados, tendo como descritores: empatia, formação de professores para educação e inclusão na Educação Profissional. Para Lima e Mioto (2007, pag.01), a pesquisa bibliográfica representa um procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa.

O estudo considerou os seguintes eixos: 1) refletir sobre os eixos que apontam a importância da empatia na formação de professores; 2) analisar estudos que investiguem o perfil empático de estudantes em cursos de graduação para formação docente; 3) investigar pesquisas que contemplem o uso da empatia em processos de formação docente; 4) verificar investigações sobre os impactos da empatia docente no rendimento de seus estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A respeito do eixo 1 (refletir sobre aspectos que apontam a importância da empatia na formação de professores), foram encontrados nove estudos que defendem a empatia como diretriz para formação docente. Entre os aspectos a favor do uso da empatia como diretriz formativa, por eles destacados, estão:

- 1) A empatia docente pode influenciar diretamente na aprendizagem significativa de seus estudantes;
- 2) A empatia docente pode facilitar a habilidade de relacionamento, compreensão e acolhimento;
- 3) A empatia docente pode impactar no estímulo do interesse e atitude para a aprendizagem pelos estudantes;
- 4) A empatia docente pode lidar positivamente com conflitos.
- 5) A empatia docente pode estimular a busca de soluções pedagógicas para as barreiras de aprendizagem identificadas;

Destes pontos inicialmente levantados, reflete-se que a maioria dos estudos aponta que a habilidade empática favorece em destaque a gestão da construção das boas relações interpessoais e do ambiente de aprendizagem. Compreende-se que a empatia pode não apenas impactar o desenvolvimento científico com a elaboração de boas práticas educativas, mas também no desenvolvimento humanista nas relações de ensino, o que por muitas vezes é ignorado na formação docente: um educador é um gestor de pessoas (e dos conflitos entre elas) também.

Neste sentido, no caso da inclusão, o comportamento da sala pode ser reflexo do comportamento do professor com o aluno da Educação Especial. A afetividade ou desenvolver a habilidade emocional é um aspecto que precisa ser repensado no contexto da gestão de pessoas durante a formação docente. Isso é algo ainda desconsiderado, quando refletimos a provável relação dos impactos comportamento do educador junto ao grupo discente. Verifica-se que, ao se acolher bem esse estudante, promovendo sua participação plena nas atividades cotidianas de sala de aula, os demais alunos sem deficiência tendem a também participar e interagir com esse aluno especial.

Sabe-se que em muitas situações no mundo corporativo tem-se dado ênfase à importância na gestão de pessoas, apoiando o bom relacionamento e harmonização entre os pares e a execução das tarefas. Ao estender essa reflexão ao educador, entende-se que também (e não somente) é papel do educador saber aprender a lidar com a gestão das relações pessoais, junto ao grupo escolar, para a boa condução da ação educativa.

Los profesionales que ejercen en el ámbito socioeducativo deberían tener características personales conformadas a nivel cognitivo, afectivo y actitudinal para poder afrontar las situaciones laborales que surgen en el día a día. Entendemos que en el sistema educativo y en las instituciones sociales se generan conflictos que profesionales que tengan un dominio de la gestión emocional de sus vidas, también podrán ayudar a resolver situaciones en las que intervengan otras persona(MORA, 2018, p.03)³.

Por outro lado, em seu viés científico, o desenvolvimento da habilidade empática pode facilitar que o educador observe mais o contexto do aprendizado em sala de aula, principalmente nas dificuldades que os estudantes, entre eles o da Educação Especial, apresentam. A partir dessa observação, a habilidade da empatia pode ser um motor, um estimulador para que essa reflexão se converta na atitude de buscar soluções científicas para que o estudante participe das atividades, supere as dificuldades apresentadas e aprenda.

Nesse sentido, verifica-se que, especificamente sobre a importância da empatia para formação docente, Machado e Martins (2019) argumentam que a presença de episódios empáticos para com alunos com deficiência contribuiu na quebra de barreiras através de elaboração de material didático adaptado e inclusão dos alunos com deficiência em atividades de sala de aula junto aos demais estudantes. Essa interação além do benefício humano e social, pode também ser analisado do ponto de vista pedagógico. Isso pois a solução encontrada para aprendizagem dos estudantes da educação especial pode ser também a forma que estimulou ou facilitou o aprendizado por partes dos demais estudantes sem deficiência.

Logo, a reflexão sobre os apontamentos encontrados nas pesquisas selecionadas deixa claro que a empatia contribui na formação docente no desenvolvimento de habilidades subjetivas e objetivas. Estas impactam diretamente nas relações interpessoais do docente, seja por favorecer a afetividade e geração de confiança nos estudantes durante as relações interpessoais, seja como fonte de estímulo ao educador para buscar soluções às dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes.

Los docentes, en cada una enseñanzas, transmite y promueven conocimientos a sus alumnos, así como también, actitudes de: respeto, empatía, liderazgo, responsabilidad, valores, motivación, interés, pasión, innovación, resolución de problemas, etc. La enseñanza de estas actitudes es primordial para el desarrollo integral del sujeto, este tipo de aprendizaje pretende hacer capaz al alumno de enfrentarse a todo tipo de situaciones y obstáculos, permitiéndole resolver conflictos y conjugar el saber hacer las cosas con la manera de hacerlas (ZAYAS, 2012, p.03) ⁴.

³Os profissionais que atuam no âmbito socioeducativo deveriam ter características pessoas ajustadas a nível cognitivo, afetivo e atitudinal para poder afrontar as situações laborais que surgem no dia a dia. Entendemos que no sistema educativo e nas situações sociais se geram conflitos que profissionais que tem um domínio da gestão emocional de suas vidas também poderão ajudar a resolver situações nas que intervenham outras pessoas (tradução livre do autor).

⁴Os docentes, em cada ensino, transmitem e promovem conhecimentos aos seus alunos, assim como também atitudes de: respeito, empatia, liderança, responsabilidade, valores, motivação, interesse, paixão, inovação, resolução de problemas, etc. O ensino destas atitudes é primordial para o desenvolvimento integral do sujeito. Este tipo de aprendizagem pretende fazer capaz o aluno de enfrentar a todo tipo de situações e obstáculos, permitindo-o resolver conflitos e conjugar o saber fazer com a maneira de fazê-las (tradução livre do autor).

Sobre eixo 2 (analisar estudos que investiguem o perfil empático de estudantes em cursos de graduação para formação docente) foram considerados os estudos desenvolvidos junto a graduandos de formação docente, em universidades do Brasil (Pereira, 2016), da Espanha (Martínez-Otero Pérez, 2011) e da República Dominicana (Campos, 2020).

Em pesquisa realizada no âmbito do Instituto Federal de Brasília - IFB, a empatia foi destacada como principal saber em inclusão escolar, pelos profissionais que atuam no Núcleo de Atendimento às Necessidades Específicas – NAPNE.

Em referência aos saberes em inclusão escolar, a pesquisa investigou, entre outras questões, sobre o que os profissionais que atuam no NAPNE julgam entender como saberes de inclusão escolar minimamente necessários para atuação nas práticas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), visando à inclusão de pessoas público da educação especial no Instituto Federal de Brasília. Embora os participantes da pesquisa tenham destacado pontualmente alguns saberes científicos, como conhecimento de legislações sobre inclusão, características das deficiências, como saberes de inclusão escolar, unanimemente, todos os entrevistados deram, durante a entrevista, ênfase a estas duas competências: a atitude e a empatia (RODRIGUES e FRANÇA, 2020, p. 50).

Por outro lado, cumpre inicialmente ponderar a importância da abordagem do tema, pois ela irá se refletir no atendimento na ponta, isto é, no chão da escola, em relação ao atendimento educacional junto ao público da Educação Especial. Assim, fazer esta análise é um momento importante para se pensar sobre a necessidade de se trabalhar a formação da habilidade empática nos cursos de graduação ou formação continuada.

Analizar los niveles de empatía del alumnado universitario que procede de titulaciones relacionadas con la educación y las ciencias sociales, puede ser una oportunidad de conocimiento y, en su caso, de optimización pensando en su posterior proyección profesional en instituciones educativas. (MORA, 2018, p.01)⁵

Dessa forma, os estudos de Pereira (2016), sobre o perfil empático de estudantes para docência, apontaram para a diminuição da frequência da empatia nos alunos concluintes do curso de pedagogia. Isto é, na comparação realizada entre estudantes egressos e concluintes, a frequência desta característica empática foi identificada em um nível menor nos estudantes concluintes que a identificada nos estudantes que estavam no primeiro período do mesmo curso de pedagogia. Sobre as possíveis causas o autor cita:

É o não trabalhar a educação emocional no ambiente acadêmico, o que distancia os estudantes da concepção de que as emoções também se encontram atreladas ao processo educacional, e por ter ainda um entendimento do senso comum de que a emoção e razão são opostos, algo dicotômico (PEREIRA, 2016, pag. 47).

Ademais, as pesquisas de Campos (2020), ao analisar também o nível de empatia de professores de Ensino Médio na República Dominicana, tomando por base a quantidade de anos de regência, identificaram que houve maior incidência de empatia nos

⁵ Analisar os níveis de empatia do alunado universitário que procede de titulação relacionadas à educação e às ciencias sociais, puede ser una oportunidad de conocimiento e , no seu caso, de otimização, pensando em sua posterior projeção profissional em instituições educativas (tradução livre do autor).

professores com um a cinco anos de carreira. Em contraposição houve um decréscimo no nível da empatia com professores entre seis e dez anos de docência.

Otro de los hallazgos de la presente investigación establece que se observan diferencias al analizar los niveles de empatia segun la variable anos de experiencia docente, obteniendo su mayor nivel empático los docentes de cero (0) a cinco (5) anos de experiencia docente. En tal caso, aun cuando la diferencia no es sustancial, se observa un nivel mas bajo de empatia para los docentes que tienen de seis (6) a diez (10) anos (CAMPOS, 2020, p. 152)⁶

Desses contextos inicialmente analisados, percebe-se a ausência do trabalho sobre a empatia, seja de forma direta ou indireta, nos cursos de formação docente (iniciais /continuados). Logo, verifica-se como uma possível consequência a carência da conscientização e desenvolvimento de questões da habilidade empática, relacionadas à habilidade emocional defendida PEREIRA (2016), as quais estão vinculadas à educação, tais como: a atenção, o afeto, a compreensão, a renúncia, etc.

Ademais, ainda que incorporada, a habilidade empática, como verificado nos estudos citados, tende a diminuir com o passar dos anos de formação docente como também após anos no exercício da profissão. Isso pode dificultar, não raramente, que o educador não se atente a singularidade pedagógica de cada estudante. Consequentemente, corre-se o risco que as abordagens aplicadas tratem todos de forma padronizada, inclusive os estudantes da Educação Especial.

Por outro lado, nota-se, a partir dos estudos mencionados, que os egressos dos cursos analisados, a princípio, parecem estar mais abertos desenvolver a habilidade empática, mas, com o passar do tempo, foi detectada uma tendência a sua diminuição. Cabe então nos questionar o porquê de isso acontecer? O que está levando a perda dessa sensibilidade afetiva quanto à visão do outro e do modo como devemos nos relacionar como ele, como parte de um saber que deve ser considerado no contexto escolar sobre as relações entre pessoas e a compreensão e superação de suas dificuldades?

Assim, destaca-se a importância de se trabalhar a sensibilização sobre a empatia como saber em inclusão escolar nas práticas de formação, inicial ou continuada, de maneira cíclica. Sabe-se que os valores éticos e profissionais que regem a empatia, como um saber em inclusão escolar, também mudam com o tempo. Até um passado não muito distante, por exemplo, a presença de estudantes da Educação Especial, e sua avaliação como cidadão, sujeito a direitos, não era considerada, como atualmente. Para muitos educadores a visão quanto a esses estudantes era de pena, não de empatia.

Por isso, é preciso que a empatia, como diretriz de formação escolar, seja aplicada e discutida, ciclicamente, com o passar do tempo, pois, como dito, é natural que os valores de uma sociedade evoluam e mudem, fato que vai refletir no modo de ver a construção das ações que serão desenvolvidas para sociedade na educação. Logo, como todo saber, a reflexão da empatia como habilidade a ser desenvolvida precisa se adequar com o tempo e com a mudança dos valores éticos e científicos, que evoluem com a sociedade e a ciência, como um todo.

⁶Outro achado da presente investigação estabelece que são observadas diferenças ao analisar os níveis de empatia segundo a variável anos de experiência docente, obtendo seu maior nível empático os docentes de zero (0) a cinco anos (5) de experiência docente. Em tal caso, ainda quando a diferença não é substancial, se observa um nível mais baixo de empatia para os docentes que tem de sei (6) a dez (10) anos (tradução livre do autor).

Além disso se verifica que, embora estudos científicos considerem a empatia como uma possível característica inata, ela varia de intensidade ou manifestação, segundo, entre outras razões, de fatores internos, externos, aspectos sócio-históricos vivenciados por cada pessoa, idade, gênero, etc. Esse conjunto de fatores influencia muito quanto à manifestação da empatia no exercício e na interação pedagógica durante o exercício docente com os estudantes da Educação Especial.

Nesse sentido, ao se investigar a empatia por uma questão de gênero, os estudos de Martínez-Otero Pérez (2011) apontaram que os estudantes para docência do sexo masculino analisados pareciam estar mais dispostos a uma empatia “cognitiva”, isto é, atuavam de forma mais racional quanto à habilidade de colocar-se em lugar de outras pessoas e para compreender os estados emocionais do outro. Isso, para o autor, revelaria uma flexibilidade de pensamento, mas sem necessariamente gerar uma resposta emocional do educador masculino.

Além disso, segundo o pesquisador, as futuras educadoras estariam mais dispostas a uma empatia “subjetiva”, isto é, uma maneira intelectual e emocional de se aproximar aos outros e de interagir com eles, com tendência a estar influenciada afetivamente pelos demais. No entanto, em ambos os gêneros, o autor também identificou em comum a existência de um perfil empático intersubjetivo, caracterizado pelo equilíbrio da aproximação cognitiva e afetiva quanto à realidade emocional alheia.

Importante refletir que, a princípio, tais dados possam gerar questionamentos, pelo fato de que os resultados alcançados, ainda que não intencionalmente, validam estereótipos sociais conhecidos e relacionados a homens (razão) e mulheres (emoção). No entanto, o próprio autor conclui que o desenvolvimento da habilidade empática, seja qual for sua predominância, encontra suas diferenças relacionadas em última instância, a própria pessoa, em questões como a idade, a personalidade dos alunos, a situação, etc.

Aunque hayamos encontrado diferencias según el género, el estilo empático depende en última instancia de la propia persona. Su adecuación, además, dependerá de la edad y de la personalidad de los alumnos, de su situación, etc (MARTÍNEZ-OTERO PÉREZ, 2011, p.14).⁷

Deste contexto, verifica-se que o desenvolvimento e incorporação da empatia em docentes, ainda como tido um saber, terá impactos diferentes, segundo fatores externos à formação, como questões de gêneros, acima descritas. Outros fatores inatos ou externos ao indivíduo podem fazer com que este saber seja mais ou menos desenvolvidos em cada um. No entanto, esse fator não pode se constituir como uma escusa para não se preocupar com a sua aplicação em contextos de formação docente.

Quanto ao eixo 3 (analisar estudos sobre o uso da empatia em processos de formação docente), parte-se refletir sobre experiências que abordem a habilidade da empatia, como um saber de formação educacional, em contextos de formação docente.

Identifica-se que a formação empática na educação é ainda pouco trabalhada como saber necessário, que deve ser atrelado à formação docente, em oposição à preocupação existente, como já mencionado, em contextos da formação do mundo corporativo nas empresas e mesmo na formação de cursos de medicina. Nessas situações, a partir da vivência da posição de “clientes”, são anotadas as percepções do atendimento recebido.

⁷Ainda que tenha sido encontradas diferenças segundo o gênero, o estilo empático depende em última instância da própria pessoa. Sua adequação, ademais, dependerá de fatores como a idade, a personalidade dos alunos, a situação, etc. (tradução livre do autor).

Estas por sua vez são refletidas em grupo, para depois refletir sobre as possíveis intervenções que necessitariam ser revistas, visando o melhor atendimento do “cliente”.

No entanto, estudos de Moitoso e Casagrande (2017) coincidem que é possível formar ou desenvolver a empatia, a solidariedade e outros elementos da moralidade humana, mesmo que os seres humanos já possuam, desde o nascimento, certas capacidades ou comportamentos pró-sociais. Para as autoras, a educação possui papel fundamental para a formação das novas gerações intelectual e moralmente, que ocorre formal e informalmente por meio de processos de aprendizagem no seio da família, no ambiente escolar e na vida social.

A pesquisa de Monte et al. (2021) apresenta a investigação sobre a aplicação do uso da empatia como diretriz na formação inicial no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina-PE. Os autores concluíram que a não existência de forma explícita da diretriz formativa da empatia em nenhuma disciplina do curso não significa que a formação científico-humana sobre este saber não seja realizada.

Pode-se perceber que o Projeto Pedagógico de Curso examinado orienta e fundamenta o currículo no sentido da formação integral do sujeito, embora não se trate da temática da empatia em nenhuma disciplina ou mesmo no referencial bibliográfico, o que não significa, em última análise, que não ocorra formação do sujeito nesse sentido. De qualquer modo, reitera-se a necessidade de reformulação da matriz curricular do curso para o desenvolvimento da empatia (MONTE et al., 2021, p. 07)

Por outro lado, o estudo de outros pesquisadores, como Motta et al. (2017), narra a realização de um programa para desenvolvimento do comportamento empático, não vinculado à inclusão de alunos da Educação Especial, com a participação de 8 professores que finalizaram o curso, composto de 11 encontros. A proposta do curso visava, a partir do trabalho com diversos aspectos teóricos, dinâmicas e momentos reflexivos sobre as práticas sobre situações que envolviam a reflexão do cotidiano da pessoa com deficiência no contexto escolar, conscientizar, desenvolver e estimular questão da empatia docente nas práticas em sala de aula.

Basicamente, as técnicas empregadas incluíram: 1) explicações sobre o comportamento empático; 2) imaginação de cenas envolvendo situações de interação; 3) dramatização ou desempenho de papéis; 4) exercício das habilidades trabalhadas nas sessões, no dia a dia; 5) dinâmicas de grupo; 6) apresentação e discussão de filmes; 7) discussão e interpretação de contos e histórias. (MOTTA et al., 2017, p.125).

Entre as conclusões dos autores está o fato de que, apesar da impossibilidade de verificar o impacto do aumento significativo da empatia dos professores no desenvolvimento de suas intervenções pedagógicas, o programa de treinamento foi considerado um sucesso, Por meio de instrumentos de avaliação sobre a empatia, foi possível identificar, pelos testes realizados, que os docentes participantes do curso de formação empática apresentaram média de desempenho maior em todas as medidas de empatia, em comparação aos docentes não participantes do curso, sendo estas diferenças estatisticamente significativas.

No entanto, ainda que não mensuráveis, estima-se que a formação docente sobre a empatia favoreça mudanças atitudinais, que talvez anteriormente não eram cogitadas na atuação por um docente. Com isso, espera-se que a formação propicie momentos em que o docente seja levado a refletir sobre suas práticas pedagógicas e sobre o modo de se relacionar com os estudantes da Educação Especial. Dessa forma, se almeja essa

conscientização impacte, não apenas quanto à busca de novas estratégias de ensino, mas no reconhecimento das potencialidades do estudante e na crença de que este pode adquirir o conhecimento científico e se preparar para atuar como protagonista para o mundo do trabalho e exercício da cidadania.

Quando ao eixo 4 (verificar os impactos da empatia docente no rendimento de seus estudantes), buscou-se compreender que efeitos a empatia docente pode resultar de maneira concreta no desempenho escolar dos estudantes. Nesse sentido, buscou-se entender o que estudos apontavam como benefícios educacionais teriam estudantes cujas aulas eram ministradas por um docente com perfil ‘empático’.

Verificou-se, a partir dos estudos de Campos (2020). Este pesquisador, previamente, havia aplicado ferramenta científica para medir o nível de empatia entre os educadores de uma escola. Depois, o pesquisador buscou relacionar as notas dos estudantes com o perfil empático dos professores pesquisados.

Após análise, verificou-se que os melhores resultados acadêmicos obtidos pelos estudantes em algumas disciplinas de uma escola investigada eram coincidentes ao fato de que seus respectivos professores dessas disciplinas haviam sido identificados com maiores níveis de empatia detectados. Do lado oposto, as notas decresciam, à medida que eram comparadas com outros educadores, nas disciplinas cujos educadores haviam sido detectados menor nível de empatia.

Estos resultados reafirman lo planteado por Rumble, Lange y Parks (2010), quienes señalan que la empatia se asocia a una conducta mas cooperativa y que las intervenciones que consideran um comportamiento empatico incrementan la motivacion y una correlacion negativa entre la empatia y las conductas violentas como el acoso escolar y el bullying⁸ (CAMPOS, 2020, p. 152)

No entanto, a pesquisa não deixou claro se os professores avaliados eram da mesma disciplina, o que pode influenciar também nos resultados da pesquisa realizada. No entanto, em geral, a partir da experiência relatada, pode-se compreender também que a empatia docente pode proporcionar bons resultados no aprendizado de seus estudantes, dado que o sucesso do processo pedagógico passa também pela condução afetiva na relação professor-aluno.

Los resultados muestran que los educadores en su mayoría presentan niveles medios de empatía, caracterizada por un pensamiento flexible, adaptabilidad a diferentes situaciones, tolerancia y capacidad para establecer interacciones positivas con los otros (VAQUIER et al., 2020, p.01)⁹

No entanto, cabe destacar que a empatia é mais um facilitador, e não a habilidade formadora docente determinante, que responda isoladamente pela melhora do desempenho do professor, em sua prática, ou do estudante, em seu aprendizado. Portanto, a empatia como diretriz formativa também não deve ser desprezada, pois, como já levantado, a empatia favorece o acolhimento entre docentes e os discentes da Educação

⁸Estes resultados reafirmam o pensamento de Rumble, Lange y Parks (2010), quem assinala que a empatia se associa a uma conduta mais cooperativa e que as intervenções que consideram um comportamento empático incrementam a motivação e uma correlação negativa entre a empatia e as condutas violentas como o assédio escolar e o bullying (tradução livre do autor).

⁹ Os resultados mostram que os educadores em sua maioria apresentam níveis médios de empatia, caracterizada por um pensamento flexível, adaptabilidade a diferentes situações, tolerância e capacidade para estabelecer interações positivas com os outros (tradução livre do autor).

Especial, e estimula o educador a possivelmente compreender algumas das dificuldades que esse grupo apresenta nas situações de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, pelo lado do estudante, a empatia pode favorecer, entre outros, o seu acolhimento, o seu sentimento de pertencimento ao grupo, além da oferta de novas estratégias que facilitem a compreensão do conteúdo pedagógico, desperte seu interesse na participação escolar, entre outros. Ademais, acredita-se que a atitude empática pode se estender, a partir dos hábitos positivos da abordagem docente, para outras situações não imaginadas, como a maior receptividade e interação, pelos demais membros da comunidade, ao público da Educação Especial, no contexto escolar e no mundo.

CONCLUSÕES

Este estudo se propôs a debater o uso da empatia, como diretriz nos processos formativos de profissionais docentes da EPT, que atuam na inclusão escolar do público da Educação Especial nos institutos federais. Sabe-se, no entanto, que sua utilização ainda é pouco explorada, estando restrita a sua realização às situações isoladas, mas não incorporada como diretriz curricular oficial de formação inicial/continuada docente na EPT, se comparada com outras áreas de formação inicial ou continuada, como a de gestão de pessoas ou a área médica.

A pesquisa apontou que a formação empática é considerada pela literatura científica como uma diretriz essencial para o trabalho a formação emocional e a gestão de pessoas, este último um saber também muitas vezes desconsiderado na formação docente. Ademais, o desenvolvimento da formação empática pode resultar num fator de estímulo à pesquisa pelo docente, visando à implementação de boas práticas em inclusão escolar, de modo que ajude esse alunado a superação das diversas barreiras (pedagógicas, atitudinais, comunicacionais, etc.) com que eles se deparam no seu cotidiano escolar.

Por outro lado, este estudo evidenciou que, mesmo com a oferta da formação empática docente, a incorporação de tal habilidade envolve fatores complexos e de diversas origens que se interagem e se influenciam para essa constituição. Nesse sentido, os estudos abordados alertam que a consolidação da empatia no perfil de um docente, também deve considerar outras características genóticas como outras raízes, como a vivência sócio histórica de cada, entre outros fatores. No entanto, tal fato não pode servir como escusa para desconsiderar seu uso como diretriz formativas em cursos iniciais e de formação continuada docente.

Por último foi destacado que experiências concretas de tentativas do uso da empatia como diretriz formativa docente tiveram êxito no desenvolvimento dessa habilidade nos concluintes desse curso, medidas por instrumentos próprios sobre que mediam o perfil empático. Em uma das experiências relatadas não houve descrição ou evidências concretas de que os participantes desse curso sobre empatia modificaram sua atitude em relação às suas práticas escolares com o alunado da Educação Especial.

Por outro lado, pode-se também observar que outras pesquisas, ao contrário, concluíram que os estudantes com professores com níveis maiores de empatia lograram obter notas mais altas em comparação a professores com menor nível empática, ainda que não tenha ficado claro se a pesquisa aplicada considerou professores da mesma disciplina ou de diferentes. No entanto, considera-se que os dados analisados reafirmam a intenção desta pesquisa sobre os benefícios de utilizar essa diretriz para formação docente, em destaque, para aqueles que atuam com o alunado da Educação Especial matriculados na EPT.

Assim, espera-se que essa pesquisa possa contribuir para a sensibilização da importância do uso da empatia como diretriz a ser trabalhada nas formações iniciais e continuadas na área da educação profissional. Isso porque devemos considerar o potencial do desenvolvimento dessa habilidade na prática docente, visando a superação de barreiras físicas, pedagógicas e atitudinais na relação entre o profissional inclusivo e o aluno com deficiência, transtorno do espectro autista, altas habilidades ou superdotação, podendo ser estendida essa influência positiva a toda comunidade escolar de cada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- IF.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jacqueline Daniele França de; BARROS, Marta Silene Ferreira; RABAL, Taira Sanches **FORMAÇÃO E AÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA: um olhar para humanização dos sujeitos na educação.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, vol. 14, p. 108-122, 2019.

AMATTO, L.L.; ALVES, V.L.P. Uma reflexão a respeito da educação inclusiva e medicalização da infância a partir das ideias de Carl Rogers sobre educação. Memorandum, p.224-242, 2016.

CAMPOS, Juan E. Valdés. Empatía docente y su incidencia en el rendimiento académico de los estudiantes del Nivel Secundario. Educación Superior año XIX, n.º. 29, p. 150-160, 2020.

COSTA, Dóris Anita Freire. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. Rev. psicopedagogia, São Paulo, v. 23, p. 232-240, 2006.

FONTGALLAND, R. C.; Moreira, V. Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. Memorandum: memória e história em psicologia, 23, 32–56, 2012.

HARGREAVES, A. The emotional politics of teaching and teacher development: With implications for educational leadership. International Journal of Leadership in Education, v.1, p. 108-122, 1988.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007.

LOPEZ Yza, Letícia. Comprensión Empática, Congruencia e Interés Positivo Incondicional en la Relación Docente- Alumno. Universidad Veracruzana, Vera Cruz – México, 2013. Disponível em:< <https://cdigital.uv.mx/handle/123456789/47323>>. Acesso em abr. 2021.

MACHADO, B. A. B. ¹, MARTINS, C. S. L. Reflexões sobre a empatia docente como estratégia pedagógica no processo de inclusão escolar. 5º Encontro de Ciência e Tecnologia do IFSul – Campus Bagé, pág 38, 2019.

MANICA, Loni elisete. A prática docente da educação profissional na perspectiva da inclusão. Revista Ibero-americana de Educação, p. 55-64, 2011.

MARTÍNEZ-OTERO PÉREZ, Valentín. La empatía en la educación: estudio de una muestra de alumnos universitarios. Revista Electrónica de Psicología Iztacala, 14, p. 10-15, 2011.

MELO Maria Lúcia: Gramsci e a educação. I JOINGG – Jornada internacional de estudos e pesquisas em Antônio Gramsci VII JOREGG – jornada regional de estudos e pesquisas em Antônio Gramsci, p. 61-14, 2016.

MORA, Ana Moral. *La empatía: una característica necesaria en la formación de estudiantes universitarios. Crónica: revista científico profesional de la pedagogía y psicopedagogía*, v.3, p. 33-41.

MOITOSOA, Gisele Schmidt; CASAGRANDE, Clede Antônio. A gênese e o desenvolvimento da empatia: fatores formativos implicados. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 209-224, 2017.

MONTE, Franciela Félix de Carvalho et al. Empatia, competências socioemocionais e formação docente: análise do projeto pedagógico do curso de pedagogia. V CONEDU – Congresso Nacional de Educação, p. 07-20, 2021.

MOTTA, Danielle da Cunha et al. Programa para a promoção da empatia em sala de aula, *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2017.

OLIVEIRA, Tatiane Novaes. A empatia, a sensibilização e a formação de professores do ensino público para uma inclusão efetiva dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais – Universidade Estadual Paulista – Rio Claro, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/120326>>. Acesso em set. 2021.

PEREIRA, Ricardo Targino. A empatia no processos de ensino dos graduandos de pedagogia da universidade federal da Paraíba. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva, II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva –CINTEDI, p. 40-52, 2016.

RODRIGUES, Ricardo Allan de Carvalho; FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. Contribuições aos saberes em inclusão escolar dos profissionais que atuam nos NAPNEs. *ScientiaTec: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS*, v. 7 n. 4, p: 16-42, 2020.

ROGERS, C.R & Freiberg, J. (1975). *Libertad y Creatividad en la educación*. Buenos Aires: Paidós.

SCHWELLER, Marcelo. O ensino de empatia no curso de graduação em medicina. 2014. 137 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/313594>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

VAQUIER, Laura Margarita Vital et al. *La empatía docente en educación preescolar: un estudio con educadores mexicanos*. *Educ. Pesqui*, São Paulo, v. 46, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/Wdjpnbz56rZsHphJYT9HPKq/?format=pdf&lang=es>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ZAYAS, Marisela Gudiño. Taller de Inteligencia Emocional para docentes de Educación Secundaria. Universidade Pedagógica Nacional, México, 2012. Disponível em: <<http://digitalacademico.ajusco.upn.mx:8080/jspui/handle/123456789/9157>>. Acesso em out. 2021.